

A HISTORIOGRAFIA DA ARQUITETURA MODERNA NOS LIMITES: DELINEAMENTOS DO EDIFÍCIO BANNA

THE HISTORIOGRAPHY OF MODERN ARCHITECTURE ON THE BOUNDARIES: OUTLINES OF THE BANNA BUILDING

REBECA DIAS, CELMA CHAVES

RESUMO

O Edifício Banna (Déc. 1960), projeto do engenheiro-arquiteto Alcyr Meira, destaca-se no cenário construtivo de Belém (PA) por congregar atributos como nove apartamentos por andar, térreo comercial, geometrias racionalizadas e soluções típicas da Arquitetura Moderna. Destaca-se também por ser um “Objeto-Limite”, que transita entre distintas definições em relação às suas características socioeconômicas, locais, temporais, dentre outras. Propôs-se, então, uma investigação historiográfica do Ed. Banna consoante a estas limitações, particularidades e condicionantes. A primeira parte dessa investigação trata de buscar os contextos, as intenções e os pressupostos subjacentes à concepção e produção do Ed. Banna (ênfase: eventos estruturantes que circunscreveram a consolidação deste edifício). Baseada no recorte temporal que abarca a maioria da produção arquitetônica moderna em Belém (1940-1980), a segunda parte da investigação levanta discussões sobre periodização. Para tanto, recorreu-se à estratégia combinada, metodologia que associa pesquisa qualitativa (levantamento bibliográfico sobre cultura arquitetônica e historiografia da Arquitetura Moderna na Amazônia) e pesquisa histórica. Essa leitura múltipla de um mesmo objeto arquitetônico contribui para dar relevo ao Ed. Banna e, assim, evidenciar as múltiplas significações da trama historiográfica da Arquitetura Moderna em cidades amazônicas.

PALAVRAS-CHAVE: Amazônia. Arquitetura Moderna. Historiografia. Periodização. Limites.

ABSTRACT

The Banna Building (c.1960), a project by engineer-architect Alcyr Meira, stands out in the construction scenery of Belém, a city in the state of Pará, Brazil, for combining attributes such as nine apartments per floor, a commercial ground floor, rationalized geometry, and typical solutions of Modern Architecture. It also distinguishes itself for being a “Boundary-Object”, which shifts between different definitions in relation to its socioeconomic, locational, and temporal characteristics, amongst others. Therefore, a historiographic investigation of the Banna Building was proposed according to these boundaries, particularities, and conditions. The first part of this investigation seeks the contexts, intentions, and assumptions underlying Banna Building’s conception and production (focusing on structuring events that circumscribed the consolidation of this building). Based on the period that encompasses most of Belém’s Modern Architecture (1940-1980), the second part of the investigation raises discussions about periodization. For this, Combined Strategy, a methodology that associates qualitative research (bibliographical survey on architectural culture and historiography of Modern Architecture in the Amazon) and historical research was used. This multiple reading of the same architectural object contributes to give prominence to the Banna Building, and thus, to highlight the multiple meanings of the historiographical web of Modern Architecture in Amazonian cities.

KEYWORDS: Amazon. Modern Architecture. Historiography. Periodization. Boundaries.

INTRODUÇÃO

PARA TRATAR DE um edifício como o Banna, projetado nos anos 1960 em Belém (PA), uma capital amazônica, é necessário lançar mão de ferramentas historiográficas adequadas a esse contexto temporal-geográfico, de modo a problematizar as insistentes “[...] narrativas fragmentadas e parciais da história urbana e arquitetônica de Belém” (CHAVES, 2019, p.134). Tais narrativas costumam sintetizar o processo de modernização na cidade de Belém como um grande feito contínuo e facilmente distinguível na paisagem e na linha do tempo. O fato é que a modernização em Belém, à maneira da modernização de várias cidades amazônicas e latino-americanas, segue um fluxo particular de desenvolvimento, uma trajetória que abarca arrefecimentos, crescimentos e distintas linguagens. Trata-se de um campo de não obviedades.

Portanto, não parece viável seguir concebendo a história da arquitetura como um encadeamento ordenado de eventos em uma linha do tempo. É momento de pensar *historiograficamente*; pensar o que subjaz a escrita histórica: seus autores, suas intenções e como estas visões se agrupam e determinam distintos ritmos interpretativos para a história da arquitetura. Assim sendo, a historiografia tem o poder tanto de legitimar quanto confrontar as narrativas tomadas como “oficiais”.

A historiografia da Arquitetura Moderna em Belém, especificamente àquela relativa à produção arquitetônica entre os anos 1960 a 1980, apresenta regiões ocultas e silenciosas. Os motivos para isso podem se estender em vários níveis de tangibilidade: desde indisponibilidade documental de grande parte dos projetos daquele período, aos constantes apagamentos dessa arquitetura, resultantes de uma política de preservação não satisfatória e de uma enfraquecida relação identitária da população local para com o patrimônio moderno (NASLAVSKY; MARQUES, 2011; CHAVES; BELTRÃO; DIAS, 2020). O Ed. Banna é um desses portentosos silêncios. Apesar de ser um projeto do renomado Engenheiro-Arquiteto belenense Alcyr Meira (1934-), autor de diversos projetos de referências modernistas na cidade, esse edifício, até então, não havia sido objeto de investigação acadêmica. No entanto, o foco do artigo não é se estender nas razões desse silêncio, e sim, munir-se de instrumentos que amplifiquem a voz desse corpulento edifício. Trata-se de vociferar suas peculiaridades no cenário construtivo de Belém, como seus nove apartamentos por andar, uso misto (prédio residencial com térreo comercial), geometria e volumes racionalizados, soluções formais e funcionais típicas da Arquitetura Moderna, valor imobiliário relativamente alto, localização central na cidade etc.

Para que seja possível situar adequadamente o Edifício Banna na historiografia da Arquitetura Moderna em Belém, é preciso caminhar em direção a uma construção historiográfica descentralizada, de modo a valorizar novas fontes documentais, novas periodizações e novas narrativas. Neste sentido, é momento de dar visibilidade a narrativas cruzadas, não lineares que permeiam

a arquitetura e seus processos, e com isso, romper com a ideia de história como processo unitário, linear, de percurso e fins progressistas (WAISMAN, 2013). Somente assim, será viável pensar o Ed. Banna a partir de sua condição limítrofe. Isto é, neste artigo, o Banna é considerado um “Objeto-Limite”, ou seja, um empreendimento que está muito perto das bordas, na iminência da transição em suas instâncias temporal (foco do artigo), socioeconômica, locacional e relativa à morfologia, dinâmicas e fluxos urbanos.

Tal consideração é possível, pois a arquitetura, em si, é também um fenômeno de limiaridades. O espaço arquitetônico transita entre escalas estruturais e existenciais em sua produção, usufruto e investigação. No entanto, em nenhum desses níveis é possível pensar em homogeneidades. Para citar alguns poucos exemplos elementares: em termos de concepção projetual, cada faculdade de arquitetura segue uma metodologia projetual distinta, menos ou mais próximas entre si; em termos de vivência do espaço, as percepções de intimidade em uma casa térrea e em um apartamento não são as mesmas; em termos de investigação arquitetônica, a interpretação de um casarão de linguagem colonial pode apontar tanto para noções de pertencimento quanto de compulsoriedade. Trata-se, portanto, de múltiplas possibilidades – múltiplos limites que orbitam a arquitetura.

Em vista disso, o artigo tem como objetivo delinear uma investigação historiográfica do Edifício Banna consoante às suas limiaridades, particularidades e condicionantes. As considerações em torno do papel do Banna na historiografia da Arquitetura Moderna em Belém levam em conta também as questões de periodização. Para tanto, é preciso considerar este prédio em suas multiplicidades, enquanto objeto arquitetônico multifacetado.

Em termos metodológicos, recorre-se à estratégia combinada (GROAT; WANG, 2013), que articula pesquisa qualitativa e pesquisa histórica. A pesquisa qualitativa terá ênfase na pesquisa bibliográfica, realizada a partir do levantamento de referências teóricas sobre cultura arquitetônica e historiografia da Arquitetura Moderna na Amazônia. A pesquisa histórica permite ler o Ed. Banna como um documento que pode ser versado pela historiografia. Tal abordagem não é mencionada explicitamente por Groat e Wang (2013), porém observe esse excerto em que os autores destacam a importância da tarefa interpretativa do historiador:

[...] além das evidências do passado, o ponto de vista do historiador é uma parte essencial da pesquisa e narração da história. Há um aspecto técnico e teórico no projeto de interpretação. Tecnicamente, abundam as evidências do passado, e o pesquisador deve saber onde procurar e como procurar; [...] O pesquisador também deve saber como organizar as evidências em uma estrutura interpretativa, e a interpretação exige forçosamente compromissos teóricos [...] (GROAT; WANG, 2013, p. 175, tradução da autora).

Ainda que implicitamente, o trecho acima fala de historiografia, pois estão sendo considerados pontos de vista, filtros, seleções e demais tarefas intencionais (re)organizadoras e (re)construtivas próprias do processo de escrita e narração da história. Logo, pode-se afirmar a construção historiográfica como parte fundamental da pesquisa histórica. Diante da existência desses critérios de partida estabelecidos pelo pesquisador para a seleção de objetos, documentos e eventos históricos, é impossível pensar em neutralidade no fazer histórico – está-se em meio a diversos juízos históricos. Portanto, em termos de conceituação, a historiografia é a reflexão da escrita e produção da história, visando situar o discurso dos historiadores em seus tempos e contextos sociais (SILVA; SILVA, 2009).

Portanto, nota-se que a construção historiográfica geral da Arquitetura Moderna “canônica” (produzida na Europa a partir da década de 1930) partiu de escolhas e seleções conscientes dos historiadores da arquitetura. Se pouco dessa historiografia geral ressalta as produções modernas na Amazônia ou na América Latina, isso indica que foi feita uma opção de não as visibilizar. Diante disso, faz-se urgente trazer à luz novos dados e cerzir novas narrativas. Para isso, o artigo mira na construção historiográfica que destaca as pesquisas acerca da produção arquitetônica moderna em Belém, especialmente suas implicações socioculturais, políticas, econômicas e simbólicas. Deve-se partir de intenções historiográficas que permitam trilhar caminhos menos lineares, menos causais, em prol da construção de uma historiografia da Arquitetura Moderna na Amazônia mais adequada, complexa e autônoma.

OS PRESSUPOSTOS DO EDIFÍCIO BANNA

Com um vasto número de obras notáveis pela cidade, o então engenheiro Alcyr Meira projetou o Edifício Banna (*Figura 1*) no início da década de 1960. O prédio foi implantado no conjunto residencial Jardim Independência, projeto contemporâneo ao Banna e também concebido por Alcyr. O lote onde esses dois projetos foram implantados (*Figura 2*) correspondia à antiga Fábrica de Cerveja Paraense, em terreno adquirido pelo arquiteto em 1962.

Por se tratar de um terreno com uma série de condicionantes legais, foi necessária a atuação de Otávio Augusto de Bastos Meira (advogado, interventor federal no Estado do Pará em 1946 e pai de Alcyr), e o também advogado (e amigo da família) Eurico Paulo Valle, filho do ex-governador do Pará Eurico de Freitas Valle (BALEIXE, 2017). Essa rede de influências entre políticos, famílias tradicionais e profissionais liberais muito frequentemente orbitaram a aquisição de terrenos da cidade. Isso pode ser observado nos primeiros intentos



FIGURA 1 — Edifício Banna, autoria do Eng. Arq. Alcyr Meira (década de 1960).

Fonte: Acervo da autora Rebeca Dias (2019).

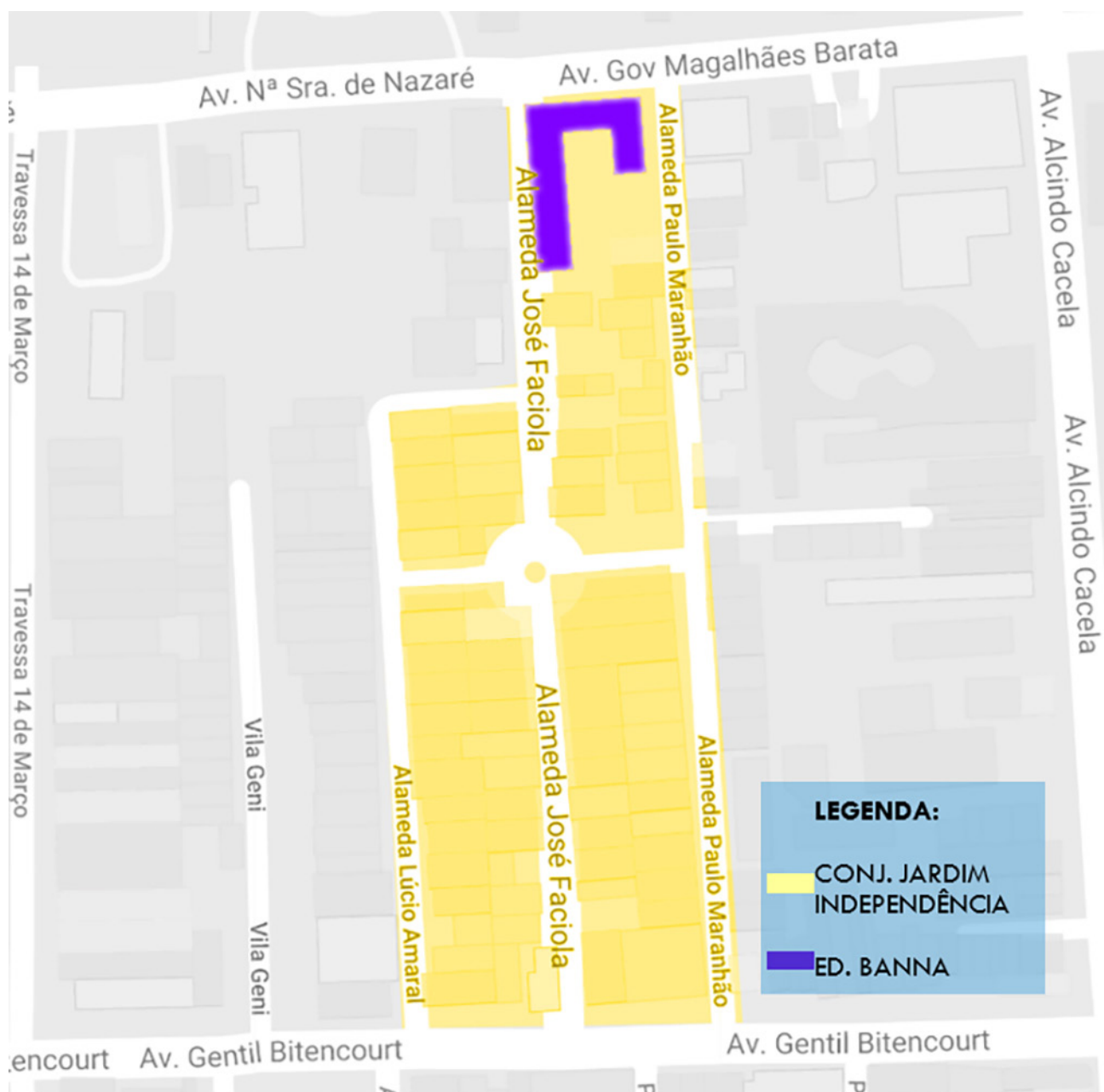


FIGURA 2 – Implantação do Edifício Banna em relação ao Conjunto Jardim Independência, ambos de autoria do Eng. Arq. Alcyr Meira (década de 1960).

Fonte: Elaboração de Rebeca Dias (2019). Base cartográfica do Google MyMaps.

de verticalização de Belém (década de 1940), quando grandes terrenos foram doados pela municipalidade e/ou estado a entidades privadas, como forma de incentivo à construção de edifícios (CHAVES, 2008). Essa parceria era interessante para os dois envolvidos: a cidade passaria a ter aqueles novos prédios como símbolos de uma modernização em curso e os empreendedores muito lucrariam com aquela atividade.

Esses “novos prédios” referidos acima compartilhavam vários pontos em comum, como suas datas de construção entre 1960 e 1980, linguagem arquitetônica semelhante e localização em áreas específicas da cidade. Ao espaciali-

zar essas obras, pôde-se notar que tais edifícios seguiam um determinado eixo de crescimento, espreado-se ao longo da Av. Nazaré e Av. Magalhães Barata e áreas de entorno dessas vias. Confirma-se, assim, o que Chaves (2004) já havia apontado: existem, em Belém, eixos específicos de desenvolvimento da Arquitetura Moderna. Para além disso, é possível afirmar que existem núcleos específicos de verticalização na cidade, cada um abrangendo um perfil construtivo distinto, sendo impulsionado por pressupostos particulares, mas todos eles envolvidos por um patente discurso de modernização. Cada um desses núcleos e eixos é impulsionado por algum ou alguns eventos e objetos históricos específicos. Toma-se a inauguração do 2º bloco do Ed. Manuel Pinto da Silva, em 1960 (autoria do Eng. Arq. Feliciano Seixas), como um desses demarcadores. Sua implantação, na confluência de quatro importantes vias, fez daquele edifício um irradiador de modernidade e inovação. A partir do Manuel Pinto, bairros como Nazaré e suas principais vias compuseram outro eixo de desenvolvimento da Arquitetura Moderna, marcado por um novo núcleo de verticalização e especulação imobiliária. O mapa a seguir (Figura 3) mostra como os núcleos de verticalização e eixos de modernização do período de 1940 a 1980 se articulam na cidade.

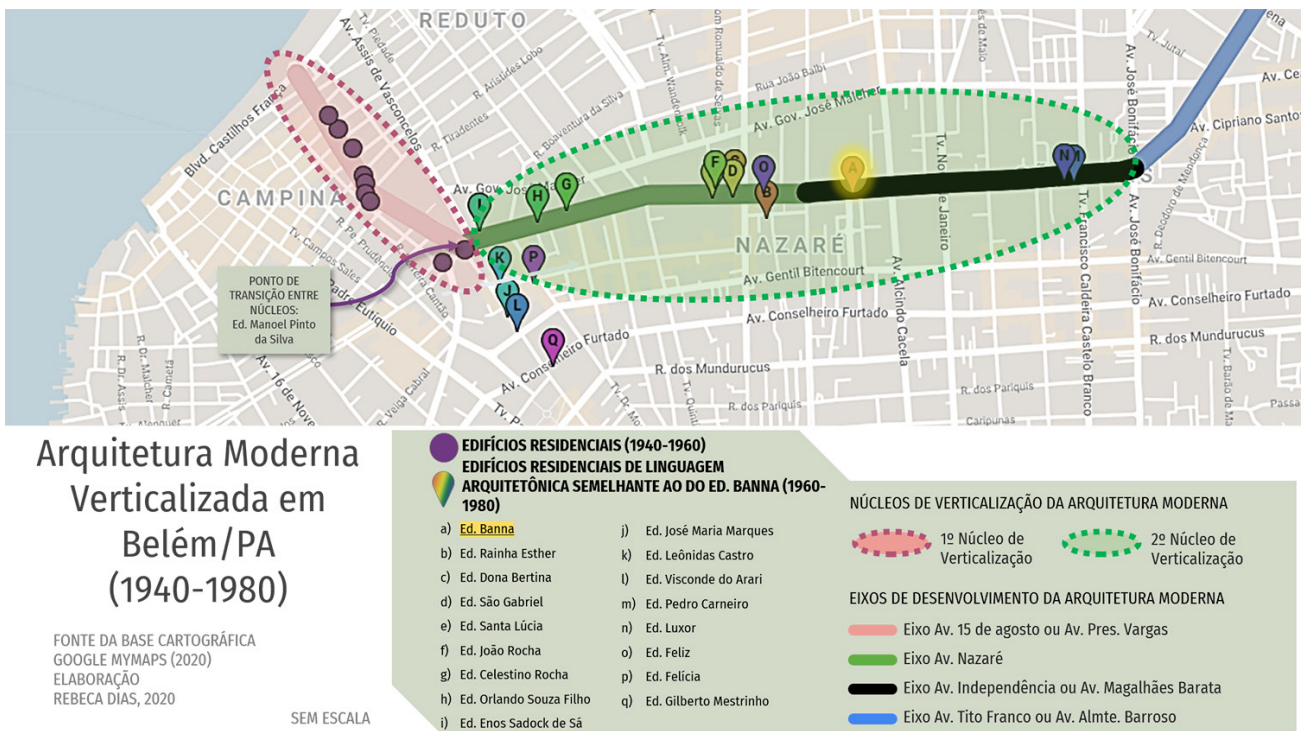


FIGURA 3 — Espacialização dos núcleos e eixos da Arquitetura Moderna verticalizada em Belém.

Fonte: Elaboração de Rebeca Dias (2020).

Mas, afinal, quais eram os atrativos daqueles novos edifícios? O anúncio de venda dos apartamentos do Edifício Banna (Figura 4) deixa evidente, em vários níveis, seu *leitmotiv* (motivo central): trata-se de um prédio de linhas “modernas e arrojadadas”; um reflexo do progresso da cidade de Belém, por ser “moderno em tudo”.



FIGURA 4 – Comparativo de anúncios imobiliários. À esquerda, anúncio do Ed. Banna (Eng. Arq. Alcyr Meira). À direita, anúncio do Ed. Rainha Esther (Eng. Judah Levy)

Fonte: Montagem da autora (2019), Jornal A Província do Pará, 27 nov. 1964 (à esquerda) e Jornal O Estado do Pará, 19 dez. 1960 (à direita).

Essas escolhas de termos estão longe de ser descuidadas – são mais que palavras, são marcadores de discursos. A necessidade de enlevar o comprador por meio desses termos refletia o desafio de convencer o público de que morar em edifícios de apartamentos era tão confortável e atraente quanto morar em uma casa térrea, havendo ainda o “bônus” da inovação e da comodidade (presença de lojas no térreo de prédio, por exemplo).

O Ed. Rainha Esther já é mais explícito quanto a seus propósitos financeiros, ao afirmar que quem adquirisse aquele imóvel estaria valorizando seu capital. Porém, esse propósito também está presente no anúncio do Banna, pois nele é destacado o nome do incorporador responsável pelo empreendi-

mento e ressaltado o padrão *shopping* de suas 32 lojas. Tais detalhes dão indícios dos pressupostos financistas que guiaram a consolidação do Ed. Banna, e outro exemplo disso são seus nove apartamentos por andar. Essa particularidade pode até ser encarada apenas como solução arquitetônica, todavia uma mirada mais profunda pode revelar a busca pela multiplicação da rentabilidade daquele empreendimento – primeiro, por altura (17 pavimentos no mesmo lote), depois, pelas 9 unidades de apartamento em cada pavimento.

O aspecto financeiro no anúncio do Banna está visível também nos “50 meses para pagar, sem reajustamento”. Esta mensagem pode indicar que estamos tratando de um edifício endereçado à uma parcela da sociedade a quem chama atenção a obtenção de vantagens no pagamento. Certamente, a elite e as famílias tradicionais não necessitariam de todas essas vantagens para adquirir um imóvel, o que leva a suposição de que o Edifício Banna era endereçado a uma classe um pouco menos abastada. Ressalta-se que o público corrente da Arquitetura Moderna em Belém era a elite e, ocasionalmente, a classe média. Porém, os grandes empreendimentos locais nessa linguagem nunca foram endereçados para as classes de base, evidentemente desfavorecidas economicamente, revelando, assim, os fundamentos excludentes do projeto de modernização e dos discursos de modernidade que marcaram o espaço da cidade ao longo do século XX (BARBOSA, 2019).

No anúncio de venda do Ed. Rainha Esther, o destaque está na suntuosidade e elegância do empreendimento. A “moderna fisionomia” do Ed. Rainha Esther (*Figura 5*) era também ressaltada. Em seguida, enumeram-se outros atrativos do edifício. Como primeiro item (logo, em destaque), é enfatizado que o prédio possui “2 apartamentos por andar”. Qual seria, para o comprador, a vantagem de morar em um edifício com apenas dois apartamentos por andar? Não significa apenas o conforto de uma maior área útil de apartamento, mas, fundamentalmente, o sentimento de exclusividade implicado na ideia de ter um pavimento quase inteiro para si. Note-se que o número de unidades não é mencionado no anúncio do Banna.

Progressista nas formas, conservador nas demandas: poderiam assim ser classificados grande parte dos empreendimentos da Arquitetura Moderna em Belém. O anúncio confirma essa suposição ao afirmar que o Rainha Esther está consoante à “moderna fisionomia de Belém, e na moldura do tradicional”. Por tradição, leia-se “conservadorismos em geral”, muitos deles vinculados a hábitos da elite. Na realidade, até mesmo quem não tem o prestígio, tampouco a renda das famílias tradicionais da elite, está apto a reproduzir alguns de seus hábitos. Isso sinaliza que o *ethos* nem sempre acompanha as concretudes. Essa dissonância é claramente visível em aspectos projetuais do Banna: todos os apartamentos desse edifício possuem cômodos que se assemelham à uma dependência de empregados, apesar das diferenças de *layout*. Este fator mostra que apesar da renovação de hábitos de morar (da casa ao apartamento), ainda era com muita vagareza que se desmantelavam as convenções conservadoras de um país de explícita estrutura escravagista.



FIGURA 5 — Edifício Rainha Esther, autoria do Eng. Judah Levy (1964).

Fonte: Bernadeth Beltrão (2018).

As últimas observações são relativas a soluções arquitetônicas. Tanto o Ed. Banna quanto o Ed. Rainha Esther tinham previsão de um pavimento térreo a ser ocupado por atividades não residenciais. O primeiro previa 32 lojas em seu térreo. O segundo abrigaria o luxuoso Cine-Teatro Palácio-Cinelândia (não edificado). Mais tarde, o térreo do Banna também seria ocupado por um cinema, o “Cine Independência”. Outras semelhanças entre os dois empreendimentos são o volume prismático da torre e as grandes e numerosas vidraças ao longo da fachada. Essas transparências que contribuem para uma maior integração interior-exterior (premissa da Arquitetura Moderna) também são encontradas no Ed. Felícia (*Figura 6*), projetado por Alcyr Meira e contemporâneo ao Ed. Banna.



FIGURA 6 — Edifício Felícia, autoria do Eng. Arq. Alcyr Meira (1963/1964).

Fonte: Acervo Lahca/UFPA (2014).

Para além dessas semelhanças, o Ed. Felícia tem revestimento em pastilha em tons similares às das pastilhas originais que ornamentam detalhes do Banna. No entanto, esses dois edifícios possuem programas arquitetônicos completamente distintos: o Ed. Felícia possui apenas um apartamento por andar, seguindo os padrões de refinamento e exclusividade almejados por projetos como o do Ed. Rainha Esther. O projeto do Ed. Banna, por sua vez, com seus nove apartamentos por andar, valorizava a racionalização e otimização de soluções, vide corredor de apartamentos aberto que permite circulação interna e ventilação cruzada (Figura 7).



FIGURA 7 — Vista posterior do Ed. Banna (Eng. Arq. Alcyr Meira, década de 1960): detalhe dos corredores de apartamento abertos.

Fonte: Acervo da autora Rebeca Dias (2019).

Curiosamente, Ed. Rainha Esther e Ed. Banna estão situados na mesma via, porém em trechos diferentes. O marco divisor entre esses trechos é a Tv. 14 de Março – o primeiro prédio se situa logo antes dessa travessa; o segundo, logo após essa. Essa segregação viária é muito mais eloquente do que aparenta: tal divisão faz do Banna um edifício pertencente ao Bairro de São Braz, e o Rainha Esther, um edifício situado no “coração” do bairro de Nazaré, ainda que, na prática, eles só estejam a 400 metros de distância um do outro.

Essa pouca distância é suficiente para que, a partir da Av. Magalhães Barata, note-se um aumento da dimensão longitudinal das quadras e uma mudança no perfil viário, onde passa a predominar o uso comercial. O Edifício

Banna, como está muito próximo à “fronteira” entre os bairros, compartilha das dinâmicas tanto do Bairro de Nazaré, sendo um dos pontos privilegiados para acompanhar a tradicional procissão do Círio de Nazaré, quanto do Bairro de São Braz, pelo fato de se situar em um perímetro que abarca um importante tronco viário da cidade, onde circulam diversas linhas de ônibus que rumam em direção à saída de Belém.

Outro dado interessante é o valor imobiliário do Banna. O aluguel de um apartamento neste edifício custa, em média, R\$2.000, valor coerente ao Bairro de Nazaré (uma área central e turística da cidade), mas nem tão condizente à média de valores praticados no Bairro de São Braz. Especulações e bolhas imobiliárias a parte, desembolsar dois mil reais em um empreendimento com garagem rotativa, nenhuma área de lazer e nove apartamentos por andar permite afirmar: o Banna é para muitos, mas não para todos.

A HISTORIOGRAFIA ATUANDO NOS LIMITES: A QUESTÃO DA PERIODIZAÇÃO

A partir das observações anteriores, notou-se que o Edifício Banna se situa entre meios-termos, mostra-se limítrofe reiteradamente. Portanto, fazia-se necessário pensar em uma categoria classificatória ou definitiva que abarcasse toda a complexidade desse edifício, o que culminou na criação da categoria “Objeto-limite”. Um limite não implica apenas a demarcação do fim de algo. Por definição, o limite pode indicar também a “linha divisória de uma área”. Logo, para esse artigo, define-se “limite” enquanto um conjunto de pontos de transição. O limite é onde as bordas estão expostas; onde as discontinuidades estão aparentes. Imagine um tecido rasgado (*Figura 8*): no trecho próximo à rasgadura, percebe-se que o tecido íntegro vai se transformando em fiapos soltos até tornar-se “nada” (a fenda no tecido). No entanto, estariam os fiapos mais próximos do rombo ou do tecido íntegro? Resposta: Dos dois, pois aqueles fiapos são fronteiros – demarcam a transição entre o tecido inteiriço e a ausência desse tecido, revelando a existência de ambos. Nessa analogia, o Banna se situaria nos fiapos, revelando, simultaneamente, sua relação com partes distintas. Assim, a noção de limite/transição pode ser encarada como uma condição que permite enxergar múltiplos elementos. Portanto, os limites (limiares, fronteiras, pontos de transição), dada sua natureza de iminências, são materiais essencialmente reveladores, que viabilizam uma análise muito rica dos fenômenos.

Até mesmo o escopo do trabalho caminha entre essas condições de multiplicidade, ao sugerir que o Ed. Banna pode ser lido por uma historiografia que considere as várias possibilidades de leitura e apreensão que orbitam e condicionam o fazer arquitetônico. Ademais, a partir das incursões historiográficas neste objeto de estudo, notou-se que Ed. Banna está em condição de transição em diversas instâncias de análise: temporal, socioeconômica, locacional e relativa à morfologia, dinâmicas e fluxos urbanos. Para efeito de melhor visualização, estes limites estão explicados no quadro abaixo (*Quadro 1*):

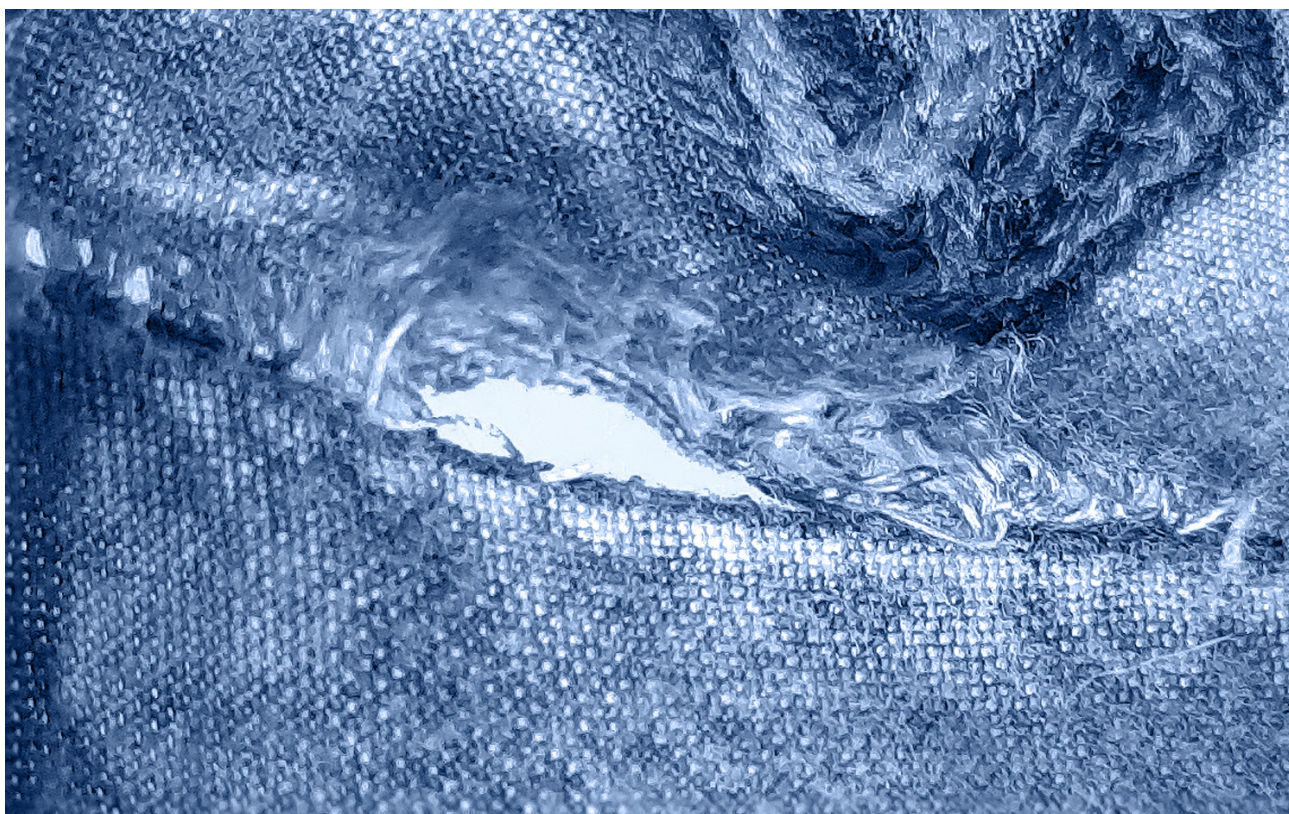


FIGURA 8 – Tecido rasgado: uma analogia aos limites.

Fonte: Rebeca Dias (2021).

QUADRO 1 – Instâncias de análise do Ed. Banna e de suas condições limítrofes.

<p>Limite Socioeconômico</p>	<p>Apesar de ser projetado por um profissional renomado e ter um valor de aluguel relativamente alto, não é um empreendimento endereçado à elite, nem à época de sua construção, nem nos dias atuais. Tampouco é um empreendimento destinado à habitação social, apesar do grande número de unidades por andar (nove). Ao que tudo indica, contempla mais o perfil da classe média (que pode também ser pensada como uma classe-limite; uma classe intermediária). Embora não esteja situado formalmente no bairro de Nazaré, o Ed. Banna tem valores imobiliários coerentes a esse bairro.</p>
<p>Limite Locacional e de Morfologia Urbana</p>	<p>Está localizado na transição entre as vias Av. Nazaré e Av. Magalhães Barata; entre os Bairros de Nazaré e São Braz. É também a partir de seu lote de implantação que podemos observar uma mudança na morfologia das quadras.</p>
<p>Limites de Dinâmicas e Fluxos Urbanos</p>	<p>Está fortemente envolvido em dinâmicas e fluxos tradicionais do bairro de Nazaré, como o Círio de Nazaré. Apesar da proximidade dessa área nobre, situa-se em um perímetro que abarca um importante tronco viário da cidade, onde circulam diversas linhas de ônibus que rumam em direção à saída de Belém.</p>
<p>Limite Temporal</p>	<p>Relativa à complexa periodização do Ed. Banna, um projeto da década de 1960, todavia só entregue em 1978. Ou seja, é um objeto que navega entre as renovações socioculturais e político-econômicas tanto da década de 1960, quanto da década de 1980 (aproximadamente).</p>

Fonte: Rebeca Dias (2020).

Cada um desses limites gera extensos debates específicos. Porém, optou-se por enfatizar, neste artigo, o limite temporal, a partir dos debates em periodização. Discutir periodização é fundamental para a construção historiográfica da arquitetura em cidades latino-americanas. Exemplifica-se essa afirmação com o caso do Edifício Banna: suas obras ficaram estagnadas por aproximadamente 10 anos. Essa tardia finalização da obra, de acordo com linhas do tempo eurocêntricas, faria deste prédio um “atrasado” em relação a edifícios de linguagem arquitetônica correspondente, como o *Promontory Apartments* (1949) de Mies van der Rohe, por exemplo. No entanto, Waisman (2013, p.15) adverte que “[...] com os instrumentos de conhecimento forjados nos países centrais corremos o risco real de nos equivocarmos ou desconhecermos nossa realidade histórico-arquitetônica e urbana”. Neste sentido, tratar de periodizações é buscar afirmar o Ed. Banna enquanto legítima “[...] parte das experiências de modernização e modernidade na cultura arquitetônica local” (CHAVES, 2019, p.138). Ou seja, as particularidades temporais, geográficas e culturais que orbitam a Arquitetura Moderna produzida em Belém, em vez de invalidarem a produção local, enriquecem-na ainda mais. Não cabe mais tratá-la como imitação, improvisado ou produto “exótico” relegável ao lado B. Pelo contrário, a produção local representa um outro lado A.

Não se busca o escrutínio dos motivos que levaram a esse atraso. O hiato, por si só, já é o indício necessário para as discussões do trabalho. São quase vinte anos entre o projeto (década de 1960) e a entrega do edifício (em 1978). Em duas décadas, uma cidade atravessa e é atravessada por inúmeros processos e eventos distintos. Em termos de panorama construtivo, na década de 1960, profissionais como Camillo Porto de Oliveira, Engenheiro-Arquiteto e um dos pioneiros da Arquitetura Moderna em Belém, assinavam diversos projetos. Naquele momento, tal arquitetura se espraiou dentre as camadas mais abastadas da cidade, gerando uma grande demanda a ser atendida. Não apenas casas, mas também edifícios residenciais e institucionais eram banhados por esse atraente verniz modernizante, o que consolidou um cenário muito propício à produção de projetos nessa linguagem. Foi o caso do Banna, que conforme discutido anteriormente, tinha o moderno como seu *leitmotiv*.

O Edifício Banna foi gestado durante o *boom* da Arquitetura Moderna em Belém, na década de 1960. Contudo, qual era o status daquela linguagem arquitetônica após quase 20 anos, quando o Banna foi entregue? Tende-se a pensar que esse acumular de anos é suficiente para a derrocada de um processo. Porém, o artigo opta por trabalhar com a ideia de renovação e não de derrocada. Nesse sentido, o Ed. Banna deve ser considerado um moderno *renovado*, e não um moderno arruinado. Parte-se do princípio de que um fenômeno dificilmente se extingue por completo de um momento a outro. Em analogia, ilustra-se uma parede sendo pintada: cada demão de tinta fresca sobre a tinta antiga vai revelando tons distintos. Há, portanto, limites entre estágios A e B. A arquitetura, enquanto fenômeno e linguagem, não opera diferente. Vinte anos,

portanto, não seriam suficientes para liquidarem os atrativos construtivos e simbólicos da Arquitetura Moderna.

Esses limites estão bem claros quando pensamos na recepção da linguagem da Arquitetura Moderna no Brasil e em Belém, mais especificamente. As primeiras experimentações dessa linguagem datam da transição da década de 1920 para 1930, na Europa. Nesse mesmo período, Belém ainda estava fortemente atrelada à arquitetura do ecletismo e, posteriormente, aos esparsos intentos do *Art Déco*. As primeiras manifestações da linguagem moderna saltariam apenas a partir da década 1950, como revelam os traços da Casa Moura Ribeiro (1949). Esse hiato de vinte, quase trinta anos, que separou as primeiras experimentações na Europa e as primeiras experimentações em uma capital da Amazônia, seria fator suficiente para invalidar a produção local? Em outras palavras, se um processo “atrasa” em vinte anos, ele “prescreve”? A Arquitetura Moderna realizada após duas décadas pode ser ainda chamada de Arquitetura Moderna? Sim, pode. A arquiteta, crítica e escritora argentina Marina Waisman ajuda a embasar essa resposta, ao problematizar a importação acrítica de marcos temporais de outra cultura. A autora critica a periodização histórica da arquitetura frequentemente adotada no contexto latino-americano, periodização esta que se baseia na trajetória dos estilos e linguagens arquitetônicas europeias, e que é delimitada inflexivelmente em início, meio e fim claramente “visíveis” (WAISMAN, 2013). Como destacado ao longo do artigo, já não se mostra satisfatório trabalhar com finitudes, e sim, com transições. Criou-se, portanto, uma dependência em relação a processos exógenos, mais especificamente europeus. Diante disso, a autora propõe uma reconstrução historiográfica, e a descreve metodologicamente em seu livro “O Interior da história: historiografia arquitetônica para uso de latino-americanos” (2013). Neste mesmo sentido, Tafuri (2011) afirma que uma historiografia reconstruída implica a revisão de todos os critérios de periodização. O autor aponta ainda a preeminência das multifacetadas ideologias existentes em determinado contexto, invocadas para dar sustentação ao fazer arquitetônico. Logo, sob uma perspectiva marxista, Tafuri (2011) defende que as periodizações da arquitetura deveriam integrar a prefiguração intelectual e os modos de desenvolvimento produtivo de uma sociedade.

Em consonância, Waisman (2013) ressalta que são as ideologias predominantes em determinada época que podem indicar mais adequadamente critérios de periodização da arquitetura na América Latina, a despeito das análises baseada restritivamente em mudanças estilísticas, fatores os quais não considera confiáveis. Isto porque nas cidades latino-americanas, muitas vezes as ideias e as formas se anteciparam aos processos (GORELIK, 2011), evidenciando a ideia de que as transformações políticas e econômicas (em escala local e mundial) nem sempre apresentam correspondência direta com a produção de formas expressivas e simbólicas em uma sociedade. Por exemplo, a ausência de um cenário industrial em Belém não foi impeditiva para a assimilação de elementos de uma cultura arquitetônica moderna (CHAVES, 2004): os edifícios de

referências modernas aqui construídos, ainda assim, exibiam em suas formas as aspirações de racionalidade e funcionalidade, próprias de uma sociedade inspirada pelo *ethos* da modernidade.

Diante dessa contradição, Waisman (2013) sugere que a periodização da arquitetura em cidades latino-americanas seja feita com base no uso de dados mais específicos da produção local. A autora, então, propõe uma periodização que rechace as aparentes “continuidades”, ou seja, processos que se estenderiam linearmente, sem obstáculos. Como exemplo, uma ideia de continuidade daria sustentação a errôneas visões de que o processo de industrialização teria as mesmas consequências no mundo todo. Isto é inverídico, pois a produção fabril de Belém não operou nos mesmos moldes e nem alcançou os vultosos números das grandes matrizes industriais europeias, logo, sem os mesmos substratos, não se pode esperar que a arquitetura aqui produzida naquele período fosse “idêntica” à da Europa – e isso deve ser visto de maneira benéfica, como um fato revelador de riquezas e multiplicidades, e não de deméritos. Deve-se admitir que há descontinuidades e heterogeneidades no processo de modernização das cidades. Periodização e continuidade, portanto, são conceitos em franca confluência e que, nitidamente, se relacionam à ideia de limites.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para discorrer sobre o Ed. Banna, um prédio de mais de quarenta anos, o artigo traçou uma contextualização histórica balizada pela cautela crítico-interpretativa da tarefa historiográfica. Desse modo, foi possível situar o Banna como objeto da historiografia da Arquitetura Moderna em Belém, a partir do reconhecimento de suas particularidades, que amplificam as singularidades do panorama construtivo na Amazônia (e vice-versa: as particularidades desse panorama também revelam as singularidades do edifício).

Foram alcançadas importantes discussões sobre os processos de apropriação do discurso de modernidade e da linguagem moderna em Belém. Ademais, foi possível observar as especificidades do cenário construtivo local e refletir sobre algumas mudanças e permanências na arquitetura residencial ao longo do século XX.

Destaca-se, sobretudo, o ponto fulcral para o desenvolvimento deste artigo: a criação da categoria “Objeto-limite”, a qual abarcou e valorizou a singular condição limítrofe do Banna em suas diversas instâncias de análise. Enfatizar esses múltiplos aspectos do objeto arquitetônico trouxe à tona debates em periodização, os quais incitam construções historiográficas mais adequadas ao contexto e à produção local.


O termo “delineamento” indica uma intenção de “ir dando forma” ao Ed. Banna, um objeto ainda esmaecido na historiografia da Arquitetura Moderna em Belém. Trata-se de uma ação em curso, ou seja, este artigo não esgota as discussões sobre este edifício, mas, sim, oferece delineamentos, linhas-guias

que podem (e devem) nortear aprofundamentos teóricos nas temáticas histórico-historiográficas da arquitetura.


REFERÊNCIAS

- BALEIXE, H. Jardim Independência: projeto e execução de Alcyr Boris de Souza Meira. *Blog do Laboratório Virtual – FAU/ITEC/UFPA*. Belém, 27 abr. 2017. Disponível em: <https://bit.ly/36lzUOZ>. Acesso em: 15 out. 2020.
- BARBOSA, R. B. O processo de modernização conservadora da cidade de João Pessoa - PB. *Sociabilidades Urbanas: Revista de Antropologia e Sociologia*, v. 3, n. 7, p. 171-195, 2019. Disponível em: <http://gremgp.blogspot.com/2019/02/sociabilidades-urbanas-revista-de.html>. Acesso em: 20 nov. 2020.
- CHAVES, C. *Arquitectura en Belém entre 1930 - 1960: Modernización com Lenguajes Cambiantes*. 2004. 287 f. Tese (Doutorado em Arquitetura) – Universitat Politècnica de Catalunya, Barcelona, 2004.
- CHAVES, C. Modernização, inventividade e mimetismo na arquitetura residencial em Belém entre as décadas de 1930 e 1960. *Risco Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo (Online)*, [S. l.], n. 8, p. 145-163, 2008. DOI: 10.11606/issn.1984-4506.v0i8p145-163. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/risco/article/view/44757>. Acesso em: 4 out. 2023.
- CHAVES, C. Arquitetura Moderna e Estado na capital do Pará: contribuições para a construção do campo historiográfico. In: TOSTES, J. A. (org.). *Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo na Amazônia*. Macapá: Unifap Editora, 2019. p. 133-153. Disponível em: <https://www2.unifap.br/editora/files/2019/06/pesquisa-em-arquitetura-e-urbanismo-na-amazonia.pdf>. Acesso em: 9 set. 2020
- CHAVES, C; BELTRÃO, Bernadeth; DIAS, Rebeca. A Arquitetura Moderna em Belém como objeto e documento de investigação: da invisibilidade ao reconhecimento. *Labor e Engenho*, Campinas, SP, v. 14, p. e020016, 2020. DOI: <https://doi.org/10.20396/labore.v14i0.8663470>
- GORELIK, A. La modernidad y sus supuestos. In: MULLER, L. *Modernidades de Provincia: Estado y Arquitectura en la Ciudad de Santa Fe, 1935-1943*. Santa Fe: UNL, 2011. p. 9-12.
- GROAT, L. N.; WANG, D. *Architectural Research Methods*. 2. ed. New Jersey: Wiley, 2013. 480 p.
- NASLAVSKY, G.; MARQUES, S. M. B. Recepção x difusão: reflexões para a preservação do patrimônio recente. In: SEMINÁRIO DOCOMOMO BRASIL, 9., 2011, Brasília. *Anais Eletrônicos [...]*. Recife: Edufpe, 2011. p. 1-11. Disponível em: https://docomomobrasil.com/wp-content/uploads/2016/01/142_M20_RM-RecepcaoXDifusao-ART_guilah_naslavsky.pdf. Acesso em: 14 dez. 2020.
- SILVA, K. V.; SILVA, M. H. *Dicionário de conceitos históricos*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2009.
- TAFURI, M. Arquitetura e Historiografia: uma proposta de método. *Revista DESÍGNIO: Revista de história da arquitetura e do urbanismo*, n. 11/12, p. 19-28, 2011
- WAISMAN, M. *O interior da história: historiografia arquitetônica para uso de latino-americanos*. São Paulo: Perspectiva, 2013.

REBECA DIAS

 0000-0003-2371-0286 | Universidade Federal do Pará | Instituto de Tecnologia | Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo | Belém, PA, Brasil.

CELMA CHAVES

 0000-0003-3437-3844 | Universidade Federal do Pará | Instituto de Tecnologia | Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo | Belém, PA, Brasil | Correspondência para/ Correspondence to: C. CHAVES | E-mail: celma_chaves@gmail.com.

COLABORADORES

R. DIAS colaborou na concepção e elaboração do artigo, análise e interpretação dos dados, pesquisa e revisão da literatura, elaboração de esquemas, quadros e mapas, visitas ao Ed. Banna e levantamento fotográfico, redação e revisão final do artigo; C. CHAVES colaborou na orientação da pesquisa e do artigo, provisão de referencial teórico, correções, sumarização, revisão final e aprovação final do artigo.

AGRADECIMENTOS

Grata a todos com quem conversei informalmente no *hall* do Banna, especialmente ao gentil e receptivo Dênis. À Bernadeth Beltrão e Rebeca Ferreira, pelo compartilhamento de acervo. À Celma Chaves, minha orientadora, por dar embasamento e gás a meu trajeto de pesquisa.

RECEBIDO EM

24/1/2021

APROVADO EM

26/1/2023

EDITOR RESPONSÁVEL

Jonathas Magalhães e
Renata Baesso

COMO CITAR ESTE ARTIGO/HOW TO CITE THIS ARTICLE

DIAS, R.; CHAVES, C. A historiografia da arquitetura moderna nos limites: delineamentos do Edifício Banna. *Oculum Ensaios*, v. 20, 235252, 2023. <https://doi.org/10.24220/2318-0919v20e2023a5252>